

A formação do pianista colaborador no curso de bacharelado em piano: realidade e proposições para inserção no mercado de trabalho.

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Gisele Pires-Mota

*Universidade de Brasília - UNB / Escola de Música de Brasília Levino Alcântara - EMBLA
giselepires1@gmail.com*

Resumo: As áreas de atuações do pianista são variadas e percebe-se que a colaboração pianística é uma das áreas de atuação com maior oferta de trabalho e ainda carente de bons profissionais. Entretanto, a colaboração pianística ainda é um tópico pouco privilegiado nos cursos de bacharelado em piano. A partir da experiência de um curso específico de doutorado na área e por ministrar a disciplina Prática de Acompanhamento no ensino superior o autor relata a experiência na organização das atividades pedagógicas baseado nos escritos de M. Katz, R. Spillman e E. Burmeister de forma a prover ferramentas aos pianistas de se inserirem no mercado de trabalho.

Palavras-chave: formação do pianista, pedagogia do piano, pianista colaborador, mercado de trabalho do pianista, prática de acompanhamento

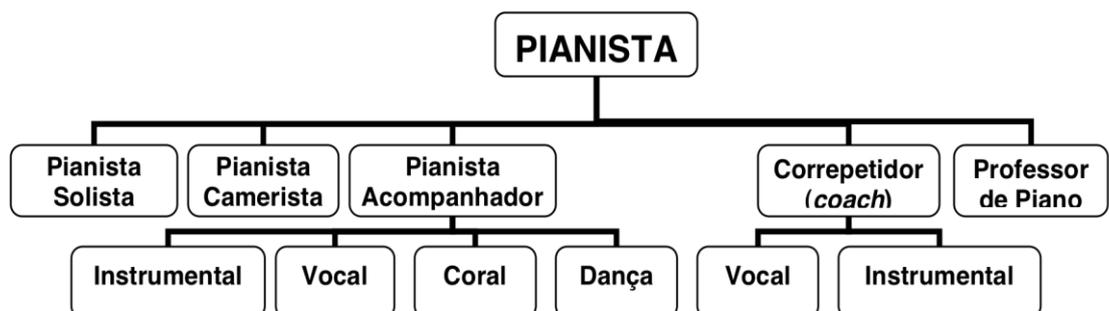
Collaborative Training in the Undergraduate Piano Program: Reality and Propositions Aiming the Job Market

Abstract: Potentially, there are many areas in which undergraduate students major in piano may work. It is perceived that the piano collaboration is the area with greater job offer but at the same time is an under-privileged topic in undergraduate piano programs. The author reflects on the piano collaboration classes based on his experience from a Piano Accompanying Doctorate and the teaching of Collaborative Piano classes for undergraduate pianists at the university. The article reports the experience of organizational approaches of pedagogical activities based on the writings of M. Katz, R. Spillman and E. Burmeister.

Keywords: Piano Accompanying Class. Undergraduate in Piano. Piano Pedagogy. Collaborative Pianist. Pianist Job market.

1. Áreas de atuação e formação específica do pianista

As áreas de atuação do pianista são potencialmente muito variadas e cada uma com suas especificidades. Kurt Adler lista as atividades de solista, professor de piano, camerista, acompanhador e correpetidor e suas possíveis subdivisões (Figura 1) :



Exemplo 1: Diagrama das atividades do pianista (ADLER, 1976: 04)

Pesquisas sobre o fazer profissional dos egressos do curso de bacharelado em piano como a de LEMOS (2010) demonstra que a principal modalidade de **atuação** no mercado de trabalho do pianista bacharel é o ensino de piano. Entretanto, paradoxalmente, os mesmos egressos atestam que maior **oferta** de emprego se encontra na colaboração pianística ou correpetição.

MUNDIM (2009) em seu trabalho sobre a atuação e formação do pianista para a colaboração com a flauta transversal define os termos *camerista*, *correpetidor* e *acompanhador* bem como as habilidades necessárias para cada um deles e como em geral se dá sua formação educacional, que se seguem de forma resumida.

O pianista camerista faz parte um grupo de música de câmara específico e se dedica ao repertório daquela formação instrumental. Sua técnica pianística e conhecimento dos diferentes estilos musicais se deram através das aulas de piano solo e suas habilidades de tocar em conjunto foram adquiridas na disciplina e master-lasses de Música de Câmara. O foco de sua atividade está no instrumento piano, visto que o repertório camerística que envolve piano é freqüentemente bem avançado, porém muitas vezes desconhece especificidades dos outros instrumentos. Como geralmente o grupo só se encontra para ensaiar peças pré-definidas, com tempo para prepará-las e executadas com partitura, não se faz essencial uma leitura à primeira vista fluente e nem o esforço de memorização. Esse profissional não lida com reduções de orquestra nem com músicos solistas.

Ainda segundo a autora, o pianista correpetidor, também conhecido como Coach (inglês), correpetiteur (Frances) ou Korrepetitor (alemão) é um profissional altamente especializado nas áreas vocal (mais comum) e/ou instrumental (menos frequente) que desempenha a função de ensaiador, de preparador de instrumentista e/ou cantores. O grande diferencial desse profissional seria a profunda essencial docente, devendo estar preparado para substituir o maestro, o professor de instrumento ou o professor de canto. Conhece o repertório tradicional instrumental e/ou vocal, sendo que para o repertório vocal, sua formação contempla o conhecimento de no mínimo os três idiomas tradicionais do repertório de canto erudito e as regras de dicção lírica de cada uma delas, a saber alemão, francês e italiano. Seu principal mestre é o professor de canto e/ou os professores dos diversos instrumentos. No Brasil seu meio de atuação é principalmente o vocal, tanto no preparo de peças camerísticas quanto nos ensaios, montagem e muitas vezes, na performance de ópera, quer seja como parte da orquestra quer seja como pianista acompanhador.

O termo pianista acompanhador vem sendo gradualmente substituído nos Estados Unidos e também aqui no Brasil por pianista colaborador. Esse profissional também teve sua técnica pianística apurada pelo repertório solo e suas habilidades de ação e reação musical à outros instrumentistas lapidada por disciplinas e master classes de Música de Câmara e Prática de Acompanhamento. Por meio dessas duas vertentes um pianista colaborador conhece os variados estilos musicais, as especificidades dos instrumentos e atingiu um nível avançado na técnica pianística. Suas habilidades envolvem leitura à primeira vista de qualidade bem como a leitura ampliada dos sistemas na partitura – parte do piano e do(s) outro(s) instrumentistas(s), capacidade de transpor e ler grade orquestral ou coral, ler cifras e improvisar. Ele possui interesse pessoal em lidar com uma gama variada de repertório e flexibilidade para lidar com as mais diversas personalidades.

O mercado de trabalho do pianista colaborador é amplo e variado pois abrange instituições de ensino formal de música, teatros, escolas, grupos de dança, corais, festivais de música, *master classes*, concursos, etc. A presença do pianista colaborador se faz necessária tanto para a fase inicial da preparação de instrumentistas e cantores, quanto para a recitais e concertos. Devido a grande diversidade, o pianista normalmente se especializa em áreas como orquestra, ópera (repertório mais erudito), musical, balé e coro (repertório misto entre popular e erudito).

Na colaboração pianística como correpetidor e colaborador acima citadas, algumas habilidades se apresentam especialmente importantes como uma leitura à primeira vista fluente, conhecimento do repertório e habilidades interpessoais para lidar com diferentes personalidades juntamente com capacidades técnico-pianísticas.

2. A formação do pianista colaborador no curso de bacharelado

Na tentativa de contemplar tais expectativas do mercado de trabalho, instituições de ensino superior possuem a disciplina de Prática de Acompanhamento, mas sabe-se que geralmente a formação desse pianista se dá também de forma empírica, já inserido no próprio mercado de trabalho e geralmente por tentativa e erro, se valendo do feedback dos músicos com quem toca. Geralmente são pianista que já possuem uma relativa fluência na leitura à primeira vista e que se vêem inseridos no mercado de trabalho quase que naturalmente, através da indicação de colegas e regentes.

A realidade percebida nas instituições de ensino superior é a ainda a utilização do modelo francês de conservatório do século XIX, em que o objetivo seria a produção de instrumentistas solistas virtuosos. Sendo assim, o pianista que tem interesse em tocar com

seus colegas é desmotivado pelas circunstâncias pois é como se fosse "penalizado" com mais repertório para preparar ao se dispor a tocar para um colega instrumentista ou cantor. Um exemplo é que mesmo que ele se disponha a tocar a Sonata para Violino e Piano de César Franck provavelmente não poderá apresentá-la na prova de Piano, mesmo que tal peça necessite de extremo trabalho técnico pianístico, entendimento do estilo romântico, da forma estrutural cíclica e de refinadas habilidades de equilíbrio sonoro e sincronia entre os instrumentos.

Para o repertório pianístico solo não importa se o aluno consegue ler a peça em um dia ou um mês, visto que o que é considerado é o resultado final, algo indubitavelmente coerente com o propósito da formação de um solista. KATZ (2009: 278) constata que “para um pianista colaborador, entretanto, a habilidade de entender as coisas rapidamente e executá-las numa leitura, sem rebuscamento talvez, mas bem aceitável num ensaio, audição ou aula é essencial.” Pode-se observar que a falta de uma formação adequada do pianista colaborador também se reflete na ministração de disciplinas de Prática de Acompanhamento ou Colaboração Pianística por pianistas solistas sem experiência prática em acompanhamento. Assim sendo, a aula frequentemente acaba se tornando mais uma prática de música de câmara, sem exercícios de leitura à primeira vista, prática de cifras, execução de reduções de orquestra tanto operísticas como de concertos instrumentais e contato com a literatura específica de piano com outros instrumentos e voz.

Uma razão considerável para a formação do bacharelado em piano para tocar em conjunto é a necessidade de subsistência. Ao sair da graduação o pianista se depara com o mercado de trabalho, se é que já não está inserido, e constata que as oportunidades de se manter financeiramente apenas tocando repertório de piano solo são escassas. A prática docente é a primeira opção, alguns por clara vocação e opção e outros por não terem desenvolvido suficientemente habilidades de correpetição ou acompanhamento de instrumentista e cantores. A formação desse pianista não foi de maneira alguma errônea mas se demonstra insuficiente para as possibilidades apresentadas pelo mercado de trabalho, tanto formal quanto informal.

Então, como formar o pianista provendo ferramentas técnicas e musicais para tocar com outros musicistas no bacharelado em piano? Entendendo o “correpetidor” como um coach a resposta é que seria muito difícil o preparo de tal profissional apenas na graduação, visto que esse pianista assumiria a posição de professor de outros instrumentista e/ou cantores, possuiria conhecimento e experiência suficientes para opinar e até decidir sobre repertório, prepararia e corrigiria a pronúncia dos cantores seguindo as regras de dicção lírica

dos idiomas tradicionais do canto erudito, bem como orientaria a preparação das personagens de uma ópera. A graduação é o momento em que o aluno em formação está ainda desenvolvendo sua técnica pianística bem como adquirindo conhecimento amplo sobre cultura musical, seus estilos e estruturação.

KATZ (2009:04) afirma que apenas 10% da habilidade de um pianista colaborar pode ser atribuída a uma “habilidade mística de intuir” o que o solista fará a seguir, ou seja, a competência de tocar em conjunto é algo que pode e deve ser aprendido e ensinado. O que se demonstra totalmente razoável e possível no bacharelado é a formação de pianistas colaboradores, que tenham ferramentas técnicas e musicais para tocar com coros, orquestras, instrumentistas e cantores. Dessa forma, é essencial que durante o bacharelado o pianista seja exposto e demandado que aperfeiçoe suas habilidades de ouvir, de tocar com outros instrumentistas e cantores, que conheça o repertório camerístico vocal e instrumental, que desenvolva uma leitura à primeira vista de partituras e de cifras, que saiba tocar peças originalmente escritas para orquestra e que exercite habilidades interpessoais para lidar com diferentes tipos de musicistas.

Esse aluno deve ser exposto ao máximo possível de experiências de tocar em conjunto com grupos vocais como coral, cantores, e instrumentos diversos. O direcionamento pedagógico prático através de disciplinas como Prática de Acompanhamento e Leitura à primeira vista são vitais para contemplar não só o mercado de trabalho mas também a própria formação musical global desse aluno-pianista.

3. Proposições: uma experiência na disciplina Prática de Acompanhamento

Na busca por estruturação e reflexão sobre essa formação pianística tão específica, venho compartilhar minhas experiências ao ministrar a disciplina de Prática de Acompanhamento 1 e 2 na Universidade de Brasília. Atualmente a disciplina no currículo possui dois semestres com quatro créditos cada, sendo que optei em dividi-las em dois encontros semanais de duas horas cada.

O primeiro recorte que me pareceu necessário para uma introdução ao mundo da colaboração foi priorizar o repertório vocal visto que este possui mais especificidades como um conhecimento básico de dicção lírica dos idiomas tradicionais (alemão, italiano e Frances) além de possibilitar que o próprio pianista se relacione com a música de uma forma diferente, ou seja, cantando e se apropriando das imagens do texto para definir andamento, caráter e sincronia. No primeiro semestre (PA 1) o foco principal é dado ao repertório vocal camerístico, seguido por especificidades e vocabulário dos diferentes instrumentos como as

características da família das cordas (arco, vibrato, efeitos, afinação, equilíbrio sonoro...), das madeiras (tipos de embocadura, afinação, respiração, equilíbrio sonoro...) e metais (embocadura, emissão sonora, equilíbrio sonoro...). No segundo semestre (PA 2) o foco principal é como tocar reduções de orquestra ao piano. Para tanto, o repertório utilizado é o operístico, começando em Monteverdi seguindo cronologicamente até o começo do século XX.

Detalhando um pouco mais e tendo como exemplo PA 2, a primeira aula semanal foi dividida em: a) leitura à primeira vista; b) uma breve aula expositiva sobre literaturas vocais e especificidades de estilo; c) passagem da pronúncia do texto da ária a ser apresentada na aula seguinte; d) orientações sobre como preparar a ária sendo que cada aluno cantava e tentava ler a primeira vista a parte pianística. A segunda aula da semana era centrada na parte prática com a apresentação do repertório já pré-definido para cada aula e com a presença de um cantor. Uma das realidades enfrentadas pelo pianista colaborador é o preparo de uma grande quantidade de peças em pouco tempo. Por esta razão, é estabelecido um cronograma com canções (PA 1) ou árias (PA 2) novas a cada semana.

Para aperfeiçoamento da leitura à primeira vista são utilizadas peças do repertório pianístico solo, a quatro mãos, métodos de canto como Vaccai, corais de Bach, e mesmo trechos das óperas ou que estarão sendo abordadas durante a semana ou lieder do compositor daquela semana. Durante a leitura a primeira vista são focadas as diversas habilidades envolvidas na referida prática como movimento flexível dos olhos, manutenção orgânica da respiração, análise prévia da forma, identificação da repetição ou modificação dos padrões de acompanhamento, manutenção e recuperação de andamento, automatização do espaço topográfico do teclado e visão periférica. Para tanto são utilizados em geral ou exemplos e atividades propostas por SPILLMAN (1990) e BURMEISTER (1991).

Visando o conhecimento da literatura vocal com piano a abordagem se dá de forma dupla, em sala de aula e em casa. Presencialmente uma breve aula expositiva é ministrada abordando estilos e compositores cronologicamente. Em PA 1 o repertório vocal camerístico é dividido em Lied, Melodie e Canção Brasileira e em PA 2 foca-se a história da ópera cronologicamente, contemplando tanto compositores como Mozart, Verdi e Puccini, quanto estilos específicos como o Bel Canto e o Verismo. Em adição à apresentação e audição das peças designadas em classe, são feitos dois testes aurais com repertório relativo ao conteúdo abordado para exposição às canções ou árias não abordadas em classe.

A cada semana uma canção ou ária ou trecho de ária é pré-definido para que o aluno saiba cantar e tocar da melhor forma possível. Os alunos têm tido a oportunidade de

correpetir cantores, em geral, profissionais e que têm sido muito solícitos quando são convidados para participar das aulas visto que eles vão cantar algo que já cantaram e que terão a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a peça a partir do ponto vista do pianista. Outra razão que vem motivando os cantores é a possibilidade de estarem contribuindo para a formação de futuros correpetidores na cidade.

Durante a parte prática são abordados noções de dicção, de estilo e compreensão da poesia ou texto, a importância da fala para o discurso musical vocal, o entendimento e realização do acompanhamento de recitativos em PA 2 ou da importância do conhecimento das características poéticas em PA 1. Também nessa aula explora-se as sonoridades, cores timbrísticas e formas de se emular instrumentos e a orquestra ao piano. Busca-se a sincronia fina entre voz e piano, letra e música. Tal apuração auditiva é crucial para o desenvolvimento do pianista colaborador. Exercícios de regência também são feitos nessa parte da aula para entendimento da relação com um maestro.

Tal prática tem se mostrado muito motivadora visto que as aulas têm internamente uma dinâmica constante. Entretanto, a cada semestre após reflexões e feedback dos alunos, a disciplina sofre adaptações e se transforma visto a diversidade do nível e experiência musical e técnica dos alunos e mesmo do maior ou menor sucesso de alguns procedimentos pedagógicos. Percebe-se a necessidade crucial de maior prática de leitura à primeira vista e como essa habilidade realmente se mostra um diferencial para o sucesso na profissão de pianista colaborador. Alguns problemas enfrentados são a disponibilidade semanal de cantores (o que em si não é crucial visto que os alunos devem cantar também exigindo mais da habilidade de uma leitura ampliada) e o fato que a leitura à primeira vista ainda estar em processo de aperfeiçoamento, o que por vezes não possibilita um melhor preparo das peças semanais. A disciplina ainda necessita de mais articulação entre os alunos de piano e alunos e professores de instrumentos e de canto. Além disso, os alunos devem saber – que, com esse enfoque, a disciplina lhes exigirá tempo tanto de prática ao piano quanto de audição de repertório extra-classe.

Com a reformulação do currículo (já em andamento) o ideal seria a implementação de vários níveis de uma disciplina específica de leitura à primeira vista tanto de partituras quanto de cifras e mais semestres de prática de acompanhamento para experimentar e praticar as especificidades da colaboração com as diferentes famílias instrumentais além de maior tempo para uma discussão mais abrangente sobre colaboração pianística através de leituras escolhidas e análise de vídeos e gravações.



Outras disciplinas de igual importância para a formação do pianista colaborador seria a implantação de matérias específicas de Literatura camerística com piano (Sonatas, trios, quartetos...), Literatura vocal camerística e Literatura vocal operística.

Como a atividade de um pianista colaborador exige habilidades também pessoais como gostar de pessoas, saber lidar com diferentes personalidades, inspirar confiança, ser responsável, ser flexível a respeito de idéias musicais, da mesma forma, o docente das disciplinas de Prática de Acompanhamento deve estar pronto para interagir com os professores de instrumentos e canto da instituição para designar repertório adequado e criar um canal aberto de participação para crescimento e aprendizagem dos alunos envolvidos na disciplina.

Concluindo, as áreas de atuação de um bacharel em piano são tão diversas quanto o conhecimento e habilidades adquiridas no curso. Todas as atividades pianísticas possíveis possuem em comum uma sólida base técnica e musical além dos saberes específicos de cada área. Uma instituição de ensino superior deve propiciar a esse aluno de piano as oportunidades, disciplinas e corpo docente especializado para o desenvolvimento da prática solista, camerista e colaboração pianística de forma a apontar caminhos possíveis da prática profissional. Através da disciplina Prática de Acompanhamento tem-se tentado propiciar oportunidades concretas do fazer musical em colaboração com o objetivo de formar um pianista mais versátil e preparado para a vida profissional. Dessa forma, mostra-se a importância da formação do pianista bacharel como colaborador em adição ao seu preparo como solista para muni-lo de ferramentas para uma maior inserção num mercado de trabalho que existe e é carente de bons profissionais.

Referências:

- BURMEISTER, Ellen. *Keyboard SightReading*. Mountain View, CA: Mayfield Publishing Company, 1991.
- SPILLMAN, Robert. *Sightreading at the Keyboard*. New York: Schirmer Books, 1990.
- MUNDIM, Adriana Abid. *Pianista Colaborador: A formação e atuação performática voltada para o acompanhamento de Flauta Transversal*. Dissertação para o Mestrado em Musica da Escola de Música da Universidade Federal de Minas, Belo Horizonte, 2009.
- KATZ, Martin. *The Complete Collaborator: The Pianist as a Partner*. New York: Oxford University Press, 2009.
- CERQUEIRA, Daniel Lemos. *Perspectivas profissionais dos bacharéis em piano*. Revista eletrônica de musicologia, Volume XIII, Janeiro de 2010. Disponível em <http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMv13/06/perspectivas_bachareis_piano.htm#2>